

POR UMA INTERPRETAÇÃO ECOLÓGICA NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA VISUAL

por Vanessa Prado de Oliveira

RESUMO

O PRESENTE TEXTO TRAZ QUESTÕES REFERENTES À ECOLOGIA COMO COMPONENTE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA INDIVÍDUOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL, EM BUSCA DE UMA VISÃO INTEGRAL DO SER HUMANO.

ABSTRACT

This article contains questions concerning ecology as a component of a pedagogic praxis for visually handicapped people, in search for an integral vision of the human being.

INTRODUÇÃO

VIVEMOS EM UMA ÉPOCA de muitas mudanças, especialmente visíveis no campo da ciência e tecnologia, onde mal se anuncia uma novidade e já existem outras que estão sendo empreendidas. Seguindo este ritmo, caminham questões subjetivas como valores, costumes, ética, verdades, mitos etc., que vão moldando as ideologias e os novos paradigmas. Além da ideologia dominante, representada no modelo sócio-econômico, verifica-se uma pluralidade de idéias, concepções que muitas vezes se contrapõem à estabelecida, conformando na era da Globalização a diversidade do pensamento humano em relação a si mesmo, à sociedade, à natureza e ao mundo.

Neste momento de tantas inovações e descobertas, nunca os recursos visuais, as imagens e as aparências foram tão intensamente utilizados. Assim, o sentido da visão é supervalorizado e requisitado, introjetando naqueles que não o possuem o estigma de incapacitados a participar plenamente das atividades sociais. *“(...) Ao invés do indivíduo se inserir numa relação social cotidiana, passa a ser identificado por seus traços destoantes sem considerar vários outros aspectos enquanto ser humano.”*¹

Sabendo que a escola faz parte deste contexto social, e de sua ineutralidade, como pensar uma proposta pedagógica voltada para esta clientela, que ajude a romper o grande e verdadeiro obstáculo — o preconceito?

A ecologia emerge como fator educacional, à medida que leva em consideração a universalidade, a concretude, a contextualização, a totalidade e a interdependência dos seres, tendo todos importância em suas diferenças. Porém é preciso um estudo e um amadurecimento profundo desta perspectiva, uma vez que encontra-se abarcada de mitos e distorções.

ECOLOGIA: SIGNIFICADO E MITOS

Existe uma grande mitificação em torno do tema ECOLOGIA. Por muitas vezes, ele é empregado expressando o mesmo significado de MEIO AMBIENTE, com a função primordial de preservação ambiental, visto que as constantes agressões trazidas pelo progresso científico e tecnológico colocam em risco a existência de milhares de espécies da fauna e da flora. Esta dimensão consolida-se principalmente na difusão dos poderosos *“meios de comunicação social”*², nas escolas, no dia-a-dia das pessoas, nas manifestações de grupos isolados, particulares e específicos, como por exemplo o Greenpeace.

A importância da preservação da natureza é um fato inquestionável nos mais diversificados setores da sociedade, embora sejam poucas as ações comprometidas de fato com o tema. Geralmente quando algum projeto é proposto, mostra-se superficialista e imediatista, como as campanhas de reflorestamento, de salvamento das baleias e da criação de parques ecológicos, entre outros.

Estas atitudes não são desmerecidas, todavia não atingem o foco central e mais amplo da questão. Qual seria este foco?

Aprofundando-se nesta área de conhecimento, percebe-se que a ecologia não se restringe única e exclusivamente às questões do “verde”. Existe até uma de suas ramificações, denominada Conservacionismo, que se ocupa com estes aspectos ambientais. Mas além destes, ela também engloba outras áreas como da sociologia, economia, biologia, filosofia, física, química, cultura, educação, etc.

Pela etimologia da palavra, é mais fácil compreender como a ecologia consegue abranger tantas especialidades, e também, diferenciá-la do conceito de Meio Ambiente. Derivada do grego, eco — *eikos*, quer dizer casa, e logia — *logos*, estudo; donde conclui-se que ecologia é o “*estudo do lugar onde se vive*”³. Deste modo, a definição atualmente mais aceita entre os ecologistas é a que a considera como “*ciência que estuda as condições de EXISTÊNCIA dos seres vivos e as INTERAÇÕES de qualquer natureza, existentes entre esses seres vivos e seu meio*”.⁴

Sinteticamente, diz-se que, enquanto ecologia é o “estudo da casa”, “*cuja unidade funcional básica é o ecossistema*”⁵, o Meio Ambiente nada mais é do que esta “casa”. Dada esta estreita relação, explica-se a habitual confusão conceitual que se estabelece entre ambos.

ECOSSISTEMA: CORAÇÃO ECOLÓGICO/MOLA PROPULSORA

ECOSSISTEMA, ou SISTEMA ECOLÓGICO, é o fluxo de energia existente entre os seres vivos e o meio, onde tanto o plural interfere no singular quanto o singular no plural, gerando um constante equilíbrio e desequilíbrio, que mantém a morte e a vida, levando à compreensão de evolução: transformação progressiva dos elementos bióticos e abióticos.

Ante a incessante movimentação e interligação desses elementos, focaliza-se a ação do ser humano, que além da SENSIBILIDADE — inerente a qualquer ser vivo, possui estados de natureza peculiares como a CONSCIÊNCIA e a CULTURA, capacitando-o respectivamente aos atos dinâmicos e relacionados de perceber, compreender e dominar a forma que personificará seu modo de agir e interagir no mundo.

CULTURA: O GRANDE RAIO-X

Um dos melhores instrumentos de que se dispõe para analisar a dinâmica da tão falada espécie *homo sapiens* é a cultura, uma vez que nela está registrada “*a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística*”⁶. Mas, da mesma forma que a cultura humaniza, ela também desumaniza, dando origem aos preconceitos, à marginalização, à segregação e à discriminação dos que fogem aos padrões estabelecidos.

A questão das deficiências está intimamente arraigada na simbologia cultural, uma vez que define “*o normal e o anormal, o capaz e o incapaz, o deficiente e o não-deficiente.*”⁷

Assim, a discussão da ecologia como fator cultural só se justifica quando entendido que “*criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’ por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral*”⁸.

EDUCAÇÃO ECOLÓGICA/ECOSSISTÊMICA

A Educação, “*processo de integração pessoal na cultura (...)*”⁹ representa um fenômeno de reconhecida importância e um dos agentes de desenvolvimento e progresso mais significativos. Através dela propagam-se verdades e conceitos humanos, que são construídos “*na família, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais*”¹⁰. Dada sua abrangência, ela pode contribuir para a libertação dos indivíduos, quando estimula o espírito crítico e criativo, mas também pode servir para opressão; neste

sentido, ela pode se transformar num forte “aparelho político-ideológico do Estado” voltado para exploração e dominação das grandes massas.

Portanto, a pretensão de uma proposta de educação ecológica encontra desafios tanto no desenrolar do ensino fundamental, médio e superior, quanto na educação especial.

Embora se reconheça a existência de alguns esforços na realização da “Educação Ambiental”, o que já corresponde a um grande avanço, à medida que, com seu crescimento e complexidade de conteúdos, vai compondo corpo próprio, vai adquirindo autonomia. Até bem pouco tempo e ainda hoje, várias vezes encontramos a ecologia resumida a uma parte dos conteúdos de Biologia. Porém, esta não é a única barreira para sua afirmação, como disciplina própria, apesar de *“(...) recomendada por todas as conferências internacionais, exigida pela constituição e declarada como prioritária por todas as instâncias de poder, a Educação Ambiental está longe de ser uma atividade tranqüilamente aceita e desenvolvida, porque ela implica mudanças profundas e nada inócuas. Quando bem realizada, (...) ela leva a mudanças de comportamento pessoal e atitudes e valores de cidadania que podem ter fortes conseqüências sociais”*¹¹.

Portanto, pensar e estabelecer categorias para uma educação de perspectivas ecológicas nas atividades com pessoas portadoras de deficiência visual, projeta-nos a indicadores que possam ajudar na construção e justificativa desta possibilidade pedagógica, o que impõe conseqüentemente uma autêntica “re-evolução” cultural nestas práticas educativas. Dentre estes indicadores, encontramos aparato na própria legislação atual e nos objetivos curriculares, uma vez que já demonstram preocupação com este assunto.

Segundo a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), art. 32, II, destaca-se entre os objetivos do ensino fundamental o que pretende iniciar no indivíduo “a compreensão de ambiente natural e social, de sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”.

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais do ensino fundamental (1997), pode-se extrair três de seus objetivos, que são:

- “compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.”

Ainda em relação aos indicadores pedagógicos, podemos citar a Diversidade Biológica ou BIODIVERSIDADE, que *“consiste no conjunto total de disponibilidade genética de diferentes espécies e variedades, de diferentes ecossistemas.”*¹² Segundo citação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a diversidade social e cultural que o homem vem desenvolvendo, ou seja, “a imensa variedade de modos de vida, de relações sociais e de construções culturais” está condicionada não só aos “ambientes em que estas sociedades evoluíram”, mas também à ilimitada imaginação e criatividade humana. *“Em circunstâncias semelhantes, muitas formas diferentes de vida e de expressão cultural são propostas por diferentes grupos, muitas soluções diferentes podem ser encontradas para problemas semelhantes.”*¹³

Para que as variadas formas de vida, assim como suas diferentes manifestações não sejam comprometidas fala-se na urgência de um DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, que segundo a definição da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, seria aquele que *“satisfaz às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”*¹⁴.

Tendo em vista a atual conjuntura econômica, que incentiva e valoriza o consumo indiscriminado tanto dos bens e recursos naturais quanto dos manufaturados, desponta uma série de questionamentos de como implementar um desenvolvimento sustentável numa realidade insustentável. *“Como promover (...) o crescimento econômico explorando os*

recursos naturais de forma racional e não predatória? Será necessário impor limites ao crescimento? De que desenvolvimento se fala?”¹⁵

O PNUMA, com apoio da ONU e diversas organizações não governamentais, sugeriu nove princípios interligados para que uma sociedade possa se auto-sustentar:

- *“respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos;*
- *melhorar a qualidade da vida humana;*
- *conservar a vitalidade e a diversidade do Planeta Terra;*
- *minimizar o esgotamento de recursos não-renováveis;*
- *permanecer nos limites de capacidade de suporte do Planeta Terra;*
- *modificar atitudes e práticas pessoais;*
- *permitir que as comunidades cuidem de seu próprio ambiente;*
- *gerar uma estrutura nacional para a integração de desenvolvimento e conservação;*
- *constituir uma aliança global”¹⁶*

Algumas incompatibilidades de interesses capitalistas com os ecológicos geram a concepção de que a Ecologia seja antagônica ao progresso econômico, científico e tecnológico. Porém, ao contrário do que se imagina, ela requer uma grande gama de conhecimentos e práticas, para que seu crescimento se realize dentro do respeito ao ambiente em geral. *“A produção capitalista (...) desenvolve apenas técnicas e a organização do processo social de produção, enfraquecendo simultaneamente as fontes de toda a riqueza: a terra e o trabalhador”¹⁷*. Já a dinâmica ecossistêmica suscita uma PRODUÇÃO DE QUALIDADE, cuja premissa básica encontra-se no trabalho, não como exploração do homem pelo homem, mas enquanto *“(...) condição de existência humana independente de qual seja a sociedade, é uma necessidade natural eterna que medeia o metabolismo entre homem e natureza e portanto a própria vida humana”¹⁸*. Assim, a qualidade de vida do homem está atada ao processo pelo qual este se produz e reproduz no trabalho, sendo ao mesmo tempo recurso natural e agente criador deste e para este, tendo consciência de sua necessidade e utilidade.

Estes três elementos podem sintetizar idéias de uma relação com a perspectiva de educação ecossistêmica, através da representação do seguinte esquema:

BIODIVERSIDADE => RECONHECIMENTO ÀS DIFERENÇAS

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL => NECESSIDADES JUSTIFICADAS

PRODUÇÃO DE QUALIDADE => TRABALHO COMO FORMA DE REALIZAÇÃO

A partir de uma experiência em andamento no Instituto Benjamin Constant, algumas reflexões desses elementos, possibilitaram a identificação de quatro núcleos integradores que imprimiram uma sinergia dinâmica e ativa de sustentação às práticas do “Projeto Biblioteca Viva” desse Estabelecimento.

OS 4 “Is”

Esses núcleos, fazem parte do chamado grupo dos “Is” (integradores) e constituem, nesse projeto, o que poderia situar a essência de uma proposta de interpretação ecológica nas práticas de educação para pessoas portadoras de deficiência visual, assim apresentadas: Indivíduo, Identidade, Imaginário e Interação.

Indivíduo

Para que o deficiente visual, assim como qualquer outra pessoa, possa se relacionar com o mundo, é preciso estar num constante processo de “conhece-te a ti mesmo”, reconhecendo sua própria luz no espaço e tempo planetário, possibilitando que o sujeito vivencie e organize meios de conviver com estigmas, marcas institucionais e sociais, desvencilhando-se destas barreiras através da consciência de não ser o melhor entre os iguais, mas garantindo sua singularidade na pluralidade.

Por mais letrada ou por maior que seja o contato que uma pessoa tenha com os portadores de deficiência visual, jamais estaria suficientemente gabaritada a falar de suas reais eficiências ou deficiências, das possibilidades ou impossibilidades,

seus sentimentos, aspirações, etc., pois somente eles, de fato, são capazes de desempenharem tal tarefa. O mínimo que se poderia fazer é tratá-los com o respeito que as diferenças de qualquer pessoa impõem e merecem.

Identidade

O processo de construção da identidade, consiste em permitir que o indivíduo vivencie a construção da própria história. Ao ser autor responsável pela construção de suas verdades, o deficiente visual desmascara muitos dos estigmas impostos e aceitos passivamente pelo senso comum, e se percebe capaz de lutar por seu próprio espaço e destino. A participação no grupo, seja na escola, na comunidade, junto à família e aos amigos, entre outros, constitui um dos fatores indispensáveis para o desenvolvimento de sua consciência crítica, entendendo-a como o momento em que o sujeito se encontra e se valoriza individual e coletivamente, exercendo e reconhecendo no processo de cidadania, o poder de suas ações. É o espaço do não às formas de opressão, acomodação, piedade e compaixão.

Imaginário

Corresponde ao resgate das diferentes formas de realidade, a diversidade dos modos de ser, agir e pensar, sendo o mundo espaço do imprevisível e do possível. O homem é o articulador do mundo: concreto-abstrato-concreto. É o espaço do sim, da liberdade, da comunicação, das formas de realização do ser, independente de sua condição física, econômica, social ou cultural. É o fazer com paixão.

Interação

Como o próprio nome diz inter-ação, ou seja a “ação entre” os seres e o meio, onde, pela dinâmica da interdependência, todos estão interligados numa função a desempenhar. Quando cada um consegue realizar sua tarefa, tanto o ambiente quanto os homens, é possível que se atinja um desenvolvimento sustentável. Uma perspectiva ecológica de educação contribui para as pessoas portadoras de deficiência visual, à medida que busca a *“integração compreendida num valor que consubstancia a aceitação da diferença humana, respeitando a diversidade cultural, social e biológica, assim como a unidade da pessoa humana e não estigmatizadamente a um deficiente, voltando-se para a tomada de consciência do eu, pelas suas vivências; da pessoa, pela sua ética e moral; do cidadão como ser político e do sujeito, enquanto homem de conhecimento”*¹⁹.

CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, uma perspectiva de educação ecológica para portadores de deficiência visual só se concretiza no momento em que faz sentido para o sujeito, tendo esta consciência de sua utilidade, significado e representação. Para tanto, tem que se comprometer com necessidades justificadas, ou seja, seus conteúdos têm que estar voltados para a realidade em que o indivíduo se insere.

Deste modo se reconhece na liberdade, comunicação e participação, as condições necessárias para que o processo interativo aconteça, respeitando a construção das virtudes individuais e não querendo enquadrar-se em falsas virtudes, valorizando assim as diferentes formas de enxergar o mundo.

Muitos devem estar confusos, questionando o modo de por em prática esta proposta, uma vez que ela não apresenta uma fórmula pronta e acabada: a resposta está na própria realidade de cada um. O segredo porém, é evitar fragmentações e sistematizações para que o processo transcorra o mais naturalmente possível, tendo cuidado de não perder de vista o objetivo que se pretende com esta atitude.

*“A essência não se manifesta de maneira direta e imediata através de sua aparência, e que a prática cotidiana — longe de mostrá-la de modo transparente — o que faz é ocultá-la.”*²⁰

1. Sudo, 1997, p.14
2. Bordenave, 1982, p.18
3. Odum, 1986, p.1
4. Dajoz, 1983, p.14
5. Odum, 1986, p.9
6. Sudo, 1997, p.12
7. Ibidem
8. Gramsci, 1981, p.13-14
9. Castillejo, 1978, p.23
10. LDB, 1996, art.1º
11. Secretaria de educação fundamental, 1997, p.23
12. Ibidem, p.42
13. Ibidem, p.43
14. Ibidem, p.38
15. Ibidem
16. Ibidem, p.39-42
17. Bottomore, 1983, p.115
18. Ibidem, p.388
19. Sudo, p.17
20. Vázquez, 1986, p. 7

Vanessa Prado de Oliveira, acadêmica do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro integrante do “Projeto Biblioteca Viva” do Instituto Benjamin Constant.

BIBLIOGRAFIA

- BORDENAVE, J. D. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista. (W. Dutra, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (trabalho original publicado em 1983), 1988.
- BRULL, J. L. C. Nuevas perspectivas en las ciencias de la educacion. Madri: Anaya S.A, 1978.
- BUFFA, E., ARROYO, M. & NOSELLA. Educação e cidadania. São Paulo: Cortez, 1996.
- CARMO, A. A. Deficiência física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina. Brasília.
- DAJOZ, R. Ecologia geral. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (M. B. de M. L. Nunes, trad). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (trabalho original publicado em 1963), 1988.
- GONÇALVES, M. A. S. Sentir, pensar e agir — corporeidade e educação. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- GRAMSCI, A. Concepção dialética da história (C. N. Coutinho, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. (trabalho original publicado em 1955), 1981.
- LAGO, A. & PÁDUA, J. A. O que é ecologia. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LUSSEYRAN, J. Cegueira, uma nova visão do mundo e o cego na sociedade. (H. Wilda, trad.). São Paulo: Associação Beneficente Tobias (trabalho original publicado em 1973), 1983.
- ODUM, E. P. Ecologia (C. J. Trib, trad.) Rio de Janeiro: Guanabara (trabalho original publicado em 1983), 1986.

- SAVIANI, D. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Educação Especial no Brasil. Brasília, 1994.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1997.
- SPERB, D. C. & PENROD, M. J. Educação para o trabalho. Porto Alegre: Globo, 1979.
- SUDO, C. A recreação enquanto práxis de uma educação para o trabalho de pessoas portadoras de deficiência. Monografia não publicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- VÁZQUEZ, A. S. Filosofia da práxis. (L. F. Cardoso, trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra (trabalho original publicado em 1967), 1986.